REFLEXÃO

DOSSIÊ

A religião na pós-modernidade. Uma homenagem a Gianni Vattimo

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos

Conflito de interesses
Não há conflito de interesses.

Recebido
28 abr. 2025

Versão final
20 out. 2025

Aprovado
17 nov. 2025

O cristianiilismo de Gianni Vattimo

Gianni Vattimo's cristianiilismo

Diana Diniz de Carvalho[1], Cláudia Diniz de Carvalho e Souza[1], Charles Klemz[1]

[1] Faculdades EST, Faculdade de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, RS, Brasil. Correspondência para: D. D. Carvalho. *E-mail*: <diana.diniz@educacao.fortaleza.ce.gov.br>.

Como citar este artigo: Carvalho, D. D.; Souza,C. D. C.; Klemz, C. O cristianiilismo de Gianni Vattimo. *Reflexão*, v. 50, e2515477, 2025. https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e15477.

Resumo

O artigo apresenta um debate sobre as concepções de Gianni Vattimo acerca da religião e o cristianismo, interpretando o significado do cristianismo a partir do conceito de *kénosis* e da importância da *cáritas* em seu sentido amplo humanitário. Vattimo percorreu autores como Nietzsche e Heidegger, que ao renunciarem às questões metafísicas, buscaram preservar a capacidade de síntese da razão humana. As ideias sobre a morte de Deus e o fim da metafísica indicam o enfraquecimento da concepção de Deus como fundamento absoluto, bem como a perda da pretensão de alcançar a verdade em sua totalidade, um objetivo historicamente perseguido pela metafísica. Esse processo marca a transição do pensamento moderno para o pós-moderno. A vocação niilista da hermenêutica consiste no fato de que existe uma realidade, isto é, a realidade da interpretação, e o questionamento do cristianismo pelo niilismo pós-moderno, traz ao cerne da questão o que vem a ser denominado nessa pesquisa de cristianiilismo: o fim da caminhada ao abismo da verdade absoluta da Igreja cristã.

Palavras-chave: Cristianismo. Hemenêutica. Niilismo. Vattimo.

Abstract

This article presents a debate on Gianni Vattimo's conceptions of religion and Christianity, interpreting the meaning of Christianity through the concept of kénosis and the importance of caritas in its broad humanitarian sense. Vattimo explored authors such as Nietzsche and Heidegger, who, by renouncing metaphysical questions, sought to preserve the capacity for the synthesis of human reason. The ideas about the death of God and the end of metaphysics indicate the weakening of the conception of God as an absolute foundation, as well as the loss of the claim to attain the truth in its entirety, an objective historically pursued by metaphysics. This process marks the transition from modern to postmodern thought. The nihilistic vocation of hermeneutics consistas in recognizing the fact that there is a reality – namely, the reality of interpretation ¬ ¬ and the questioning of Christianity by postmodern nihilism brings to the core of the matter what, in this research, comes to be termed cristianiilismo: the end of the Christian Church's journey into the abyss of absolute truth.

Keywords: *Christianity. Hermeneutic. Nihilism. Vattimo.*

Introdução

Gianni Vattimo, um dos filósofos italianos mais reconhecidos da contemporaneidade, defensor de um debate hermenêutico emancipatório, baseado no reconhecimento de que as interpretações são mais decisivas do que as verdades

CC BY

absolutas, percebe desde cedo a rigidez no sistema educacional da Igreja Católica. Formado em filosofia, foi discípulo de Luigi Pareyson (1918-1991), filósofo italiano que criticou e desafiou a estética positivista, de quem herdou a sensibilidade para enxergar a religião e o mito como possíveis caminhos para lidar com o vazio existencial que surge diante do ser. Sua formação católica influenciou profundamente sua reflexão filosófica, permitindo-lhe desestabilizar consensos estabelecidos e contribuir, a partir da ontologia niilista inspirada em Nietzsche, para uma cultura fortemente marcada pela mensagem cristã. Nesse contexto, a *kénosis*, o ato de rebaixamento do Filho de Deus, torna-se um ponto central para questionar os sistemas metafísicos e suas pretensões de capturar a verdade em sua totalidade.

Um dos aspectos mais instigantes e controversos de sua filosofia é o debate sobre a possibilidade de que o verdadeiro cristianismo deva ser não religioso, no sentido de não ser detentor de dogmas pré-estabelecidos. Se essa ideia for viável, então seria possível considerar também a existência de uma "teologia ateísta", como a de Ludwig Feuerbach[2], ou uma "teologia filosófica libertadora", como a de Voltaire[3]. Trata-se de um paradoxo, de um recurso retórico pós-moderno, ou apenas de uma provocação intelectual que desafia argumentos tradicionais?

Este artigo se propõe a discutir a ideia do "cristianiilismo"[4] em Gianni Vattimo, destacando suas reflexões sobre o cristianismo niilista. Esse neologismo original criado para esta pesquisa, alude a superação do paradigma da verdade absoluta na tradição cristã, o que sugere o encerramento de um percurso em que a Igreja se baseava na ideia de uma verdade única, imutável e absoluta. Esse conceito de verdade absoluta, historicamente sustentado pela metafísica cristã, é questionado na era pós-moderna, especialmente por Vattimo. A pesquisa se baseia no pensamento do autor e em seus estudos influenciados por Nietzsche e Heidegger, que, apesar de abordarem o niilismo sob perspectivas diferentes, convergem na dissolução da metafísica por meio de um niilismo positivo[5]. Vattimo discorre sobre o niilismo negativo e positivo em seu livro "Diálogo com Nietzsche":

> Niilismo e historicismo se desenvolvem assim paralelamente e representam o pressuposto do filosofar de Nietzsche. Com relação ao sentido histórico, assim como em relação ao niilismo, há em Nietzsche um duplo juízo, ao mesmo tempo negativo e positivo: negativo, na medida em que é um indício de fraqueza e de perda da iniciativa por parte do homem; positivo, na medida em que, tendo ruído as construções providencialistas da história, o campo está livre para uma nova perspectiva que devolva ao homem a plena liberdade de iniciativa no mundo histórico (Vattimo, 2010a, p. 48).

Essa é uma característica essencial do pensamento de Nietzsche: seu filosofar não é apenas destrutivo, em seu sentido transgressor, mas também criativo. Ele critica e desconstrói os valores

[2] Feuerbach foi um grande crítico da religião e defensor de uma filosofia da religião. Considerado materialista e opositor do idealismo do cristianismo, o filósofo analisava o comportamento humano em meio às práticas religiosas e como estas o influenciavam. "A religião liga às suas doutrinas maldição e bênção, condenação e bem-aventurança. Bem-aventurado é quem crê, infeliz, perdido, condenado quem não crê. Ela não faz, portanto, apelo à razão, mas ao ânimo, ao instinto de felicidade, às emoções de medo e esperança [..] pois quando se diz 'serei condenado se não acreditar' está-se subtilmente a coagir a consciência a acreditar" (Feuerbach, 2002, p. 227).

[3] Voltaire foi um filósofo crítico do cristianismo e da igreja que impunha suas ideias intolerantes. Apesar disso, não era ateu e demostrava crer em um Ser Superior, defendendo a razão para crê-Lo. "Já vos provei, creio eu, que existe uma inteligência suprema, uma potência eterna a que devemos uma existência passageira: não vos prometi explicar o porquê nem como. Deus nos deu suficiente razão para compreender que ele existe, mas não o bastante para saber ao certo se a matéria lhe foi eternamente submissa, ou se ele a fez nascer no tempo. Que vos importa a necessidade ou a criação da matéria, contanto que reconheçais um Deus, um senhor da matéria e senhor vosso? Perguntais onde está Deus; nada sei, e não devo sabê-lo. Sei que ele existe, sei que ele é nosso senhor, que faz tudo, que tudo devemos esperar da sua bondade" (Voltaire, 1972, p. 565).

[4] O termo "cristianiilismo", criado neste estudo, deriva da junção das palavras "cristianismo" e "niilismo", com o intuito de expressar uma síntese conceitual que, embora inspirada no pensamento de Gianni Vattimo, não se encontra formulada explicitamente por ele nesses termos. Trata-se, portanto, de um neologismo hermenêutico, que busca designar o modo como Vattimo compreende o cristianismo a partir da herança niilista nietzschiana e do enfraquecimento da metafísica. Nesse sentido, o termo simboliza a "fusão entre a crítica niilista e a tradição cristã", revelando que o enfraquecimento da metafísica é também a possibilidade de uma fé mais interpretativa.

[5] O niilismo positivo, também conhecido como ativo, é a negação de dogmas e a aceitação da liberdade e da multiplicidade de escolhas e contribui para mais do que apenas a rejeição de valores absolutos.

tradicionais, especialmente os da moral cristã e da metafísica ocidental, mostrando que eles não têm base sólida, mas são apenas construções históricas. A forma positiva e ativa, como um poder aumentado do espírito humano, envolve dois processos: primeiro, Nietzsche não se limita a revelar o vazio ou a falta de fundamento dos sentidos, das estruturas e dos valores que são considerados eternos ou absolutos. Além disso, propõe-se a criar ativamente valores, novas formas de interpretar o mundo e novas maneiras de dar sentido à existência. Essa é a hermenêutica niilista de Vattimo, que apropriando-se de Nietzsche visualizou o *pensiero debole* e a inauguração da pós-modernidade. Sobre valores, Vattimo relativiza o conceito a partir dos pensamentos de Nietzsche, como é visto a seguir:

> A tarefa do filósofo, tal como Nietzsche a entende para si, ou seja, do filósofo que não queira ser um simples codificador das valorizações correntes e "instintivas" de um determinado mundo, é a de criar valores. O termo "valor" não indica, evidentemente, apenas a moral: assim como toda evidência só é tal na medida em que é aceita em virtude de uma valoração, criar valores significa, tout court, criar critérios de verdade. Somente criando novos valores, isto é, colocando-se, por um ato violento, fora do mundo das valorizações consolidadas e dos instintos, o filósofo pode exercer também a desmistificação. Esta, portanto, não é a atividade primeira e fundamental, mas apenas um aspecto do filosofar enquanto estabelecimento de novos valores (Vattimo, 2010a, p. 118).

Ao invés de deixar um vazio, Nietzsche propõe que o filósofo deve assumir a responsabilidade de criar valores e sentidos. Essa criação não é arbitrária, mas exige coragem, lucidez e uma profunda compreensão da condição humana. Assim, o filósofo se torna um "legislador" de sentido, alguém capaz de oferecer novas formas de viver e compreender o mundo e interpretá-lo. As interpretações dos acontecimentos históricos, por exemplo, evidenciam a capacidade de nos mantermos receptivos à novidade e de elaborarmos as múltiplas "verdades" que emergem ao longo do desenvolvimento civilizatório. Aquilo que, para alguns, pode parecer um fardo ou uma postura negativa, para outros representa um movimento criativo e transformador, muitas vezes indispensável ao progresso humano e cultural. Vattimo enfatiza que esses processos não devem ser compreendidos apenas como um simples afastamento da matriz religiosa, mas como formas de interpretação e aplicação enriquecedora.

Para aprofundar essa investigação, este artigo se fundamenta nos escritos de Vattimo, articulando criticamente suas ideias com os legados de Nietzsche e Heidegger. Além disso, há referências pontuais a René Girard, embora o foco principal seja a análise do pensamento de Vattimo a partir de sua própria obra. Os conceitos-chave abordados por ele, em sentido amplo, incluem metafísica e violência, hermenêutica ética, ontologia da atualidade, o "evento do ser" e o pensamento fraco, fundamentais para explorar novas possibilidades de verdade, de conhecimento e de interpretação. Vattimo argumenta que o secularismo[6] e o niilismo são essenciais para ampliar o debate em uma sociedade pós-metafísica e que, longe de se oporem ao cristianismo, complementam suas raízes (Vattimo, 2010a, p. 39). Em sua visão, o niilismo positivo não apenas amplia a mensagem cristã de caridade, mas também a potencializa em sua dimensão humana infinita.

Assim, a diferenciação entre os niilismos moderno e pós-moderno implica, em grande parte, distinguir as leituras modernistas e pós-modernas[7] do niilismo nietzschiano. Esse trabalho é realizado pelo filósofo italiano Gianni Vattimo, um dos poucos autores que examinam detalhadamente a

[6] Secularismo é uma ideologia, assim como o niilismo. Significa a separação formal entre a religião e as instituições do Estado, e defende o tratamento imparcial do Estado em relação a todas as crenças religiosas e não religiosas.

[7] Para a consolidação dos termos, o Modernismo valoriza a razão, a busca por uma verdade única e a inovação formal, enquanto o Pós-modernismo questiona esses ideais, defendendo a multiplicidade, a relatividade da verdade, a mescla de estilos e a valorização da subjetividade e do pluralismo. O Pós-modernismo aqui entendido, surge como uma reação ao Modernismo, questionando suas narrativas e valores utópicos.

relação entre o niilismo e a pós-modernidade. A leitura de Nietzsche proposta por Vattimo serve como uma base útil para explorar essa conexão. Embora os textos de Vattimo sobre Nietzsche sejam bastante claros, o objetivo aqui é contrastar sua interpretação com abordagens que podem ser amplamente categorizadas como "modernistas". Essa comparação destacará os principais aspectos da transformação do niilismo na pós-modernidade, explicará por que a pós-modernidade pode ser legitimamente considerada niilista e discutirá porque esse niilismo pode ser afirmado, em vez de rejeitado.

O pensamento niilista de Nietzsche e de Gianni Vattimo

O niilismo, no campo filosófico, foi profundamente desenvolvido por Nietzsche, que o definiu como "a recusa radical de valor, de sentido e desejabilidade" (Nietzsche, 2008, p. 27). Essa visão do niilismo pode assumir diversas manifestações relacionadas, como ontológica, epistemológica, existencial, moral e política. Contudo, ele não o vê apenas como um fenômeno histórico, mas como uma espécie de enfermidade que afeta a vontade humana. Essa condição, segundo o filósofo, teria raízes em certas tradições morais, sobretudo na moral cristã. Segundo ele, "essa é a forma mais extrema do niilismo: o nada (o 'sem sentido') eterno!" (Nietzsche, 2008, p. 53). O perigo por trás do niilismo extremo é frequentemente caracterizado como um relativismo radical, no qual não existem critérios claros para determinar valores, reivindicações de conhecimento ou ações específicas. Tal condição é frequentemente acompanhada por estados de desespero, destruição aleatória e uma busca pelo vazio. Nietzsche (2008, p. 54) diz:

> O sucumbir apresenta-se como um dirigir-se para o fundo, como uma seleção instintiva daquilo que se precisa destruir. Sintomas dessa autodestruição dos malsucedidos: a auto vivissecção, a intoxicação, a embriaguez, o romantismo e, antes de tudo, a coação instintiva para ações com as quais se transformam em mortais os poderosos inimigos (– assim como se punisse o seu próprio carrasco), a vontade de destruição como vontade de um instinto ainda mais profundo, do instinto de autodestruição, da vontade de nada.

Esse niilismo, enquanto um enfraquecimento da vontade, permeia todos os aspectos da existência humana. Sob a supremacia das virtudes e valores cristãos, como a compaixão, a humildade, a veracidade e o amor ao próximo, o niilismo transformou-se, na modernidade, em uma consciência científica e apática. Nietzsche reconhece que ele próprio é herdeiro dessa vontade insaciável de compreender o mundo e a existência.

Embora o niilismo possa ser vivenciado individualmente como um estado psicológico e existencial, ele também é visto como um reflexo de problemas sociais, sendo historicamente interpretado como um sintoma de declínio em uma sociedade em determinado momento. Nesse sentido, ele simboliza a deterioração, a destruição e a decadência, frequentemente associadas ao colapso cultural e espiritual do Ocidente. O niilismo ocidental é, para Nietzsche, inseparável da figura do "homem moral" e "a nosso juízo é uma variedade de moral humana que deveria admitir a realidade existencial e concreta de outras morais, ainda que sendo diferentes" (Nietzsche, 2005, p. 115).

Similarmente, o pós-modernismo, ao ser analisado de forma histórica como uma teoria com características específicas, também é frequentemente visto como uma resposta ao estado contemporâneo das sociedades tecnologicamente avançadas, denominadas "pós-modernidade". Como herdeiro dessa longa tradição de valores, o filósofo se dedica a expor as contradições embutidas nos fundamentos morais tradicionais, com destaque para a moral cristã. Ele a critica como sendo sustentada por bases essencialmente imorais: um disfarce da vontade de poder do

sacerdote ascético, que busca dominar os fracos e sofredores. Nesse contexto, Nietzsche acredita que o niilismo só pode ser superado ao levar os ideais ascéticos modernos ao seu extremo. O autor busca explicar esses ideais:

> O que significam os ideais ascéticos? [...], para os filósofos e eruditos, algo como instinto e faro para as condições propícias a uma elevada espiritualidade; [...] para os fisiologicamente deformados e desgraçados (a maioria dos mortais) uma tentativa de ver-se como "bons demais" para este mundo [...]; para os sacerdotes, a característica fé sacerdotal, seu melhor instrumento de poder, e "suprema" licença de poder; [...]. Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* (horror ao vácuo): ele precisa de um objetivo – e preferirá ainda querer o nada a nada querer. [...] (Nietzsche, 1998, p. 87).

O ideal ascético, conforme Nietzsche, representa uma visão que despreza a vida terrena e física, elevando a renúncia ao corpo e aos instintos à condição de virtude. Nesse contexto, os impulsos naturais do ser humano são considerados algo a ser reprimido ou mortificado, em favor de uma existência "superior" vinculada a um além-mundo eterno. Essa postura promove a ideia de que o sofrimento e a negação de si mesmo são caminhos necessários para alcançar a salvação ou uma vida plena em outra dimensão. Esse ideal está fortemente associado à figura de um Deus autoritário, que dita regras rígidas e exige obediência absoluta.

Sob essa perspectiva, o homem, em sua humanidade parcial, contingente e finita, é visto como inadequado e carente de redenção. Através da submissão a essas normas e da repressão de seus próprios desejos, promete-se a certeza de uma vida eterna, reservada àqueles que cumprirem fielmente com suas "obrigações humanas". Nietzsche critica esse modelo como uma forma de negação da vida. Para ele, o ideal ascético subjuga o ser humano, afastando-o de sua verdadeira natureza e da aceitação de sua finitude. Ele argumenta que essa visão transforma o sofrimento e a autonegação em virtudes, enfraquecendo a vontade de viver plenamente e de abraçar a existência em toda a sua complexidade (Nietzsche, 1998). No fundo, o ideal ascético seria uma fuga da realidade, um modo de desviar-se das dificuldades da vida ao se refugiar em promessas de um além-mundo inalcançável. Para o autor, "o asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa" (Nietzsche, 1998, p. 106).

Gianni Vattimo, profundamente inspirado pelo niilismo nietzschiano, assume essa herança como base para sua filosofia, interpretando o niilismo como a última possibilidade para a razão em um mundo pós-metafísico (Nietzsche, 2008). Seu esforço consiste em articular essa visão com os legados de Nietzsche e Heidegger. O ponto de convergência entre eles se dá na ideia de que, para Nietzsche, não é que todos os valores desapareçam, mas sim os valores supremos, simbolizados pela "morte de Deus". Essa morte, contudo, não é a simples negação da existência de Deus; é um anúncio simbólico, uma leitura histórica que conclui, de forma ousada, que Deus deixou de ser necessário (Vattimo, 1999) para a estruturação da realidade humana.

Acerca da interpretação da morte de Deus, Vattimo menciona que:

> O niilismo de que se trata é aquele desenhado, com uma figura clássica, por Nietzsche: a "morte de Deus" como desvalorização dos valores supremos, o que significa, como se sabe, que os valores caídos não são substituídos por outros, mas desaparece o próprio lugar dos valores supremos, já não emite valores "em si"; Em uma palavra, que toda instância objetiva, ética ou ontológica perde sua validade, seu caráter vinculante para o sujeito a quem se dirige. A morte de Deus é essencialmente a morte da verdade, do valor dos valores, daquele lugar de objetividade, ao qual estão sujeitos todos os dizeres e desejos humanos (Vattimo, 1999, p. 24).

Com a morte de Deus, desaparecem também os valores absolutos e a própria ideia de verdade. Essa visão é fundamental para Vattimo, pois, na sua concepção, a hermenêutica precisa se

distanciar da metafísica e de sua busca por objetividade, pois "se o significado do fim da metafísica é revelar no Ser uma inclinação essencial para afirmar sua verdade por meio do enfraquecimento, a ontologia fraca não será apenas uma preparação negativa para o retorno da religião" (Vattimo, 1996b, p. 38). A interpretação, nesse contexto, não é uma tentativa de encontrar uma essência, mas de responder à história do Ser, entendida dentro do horizonte do niilismo. É nesse cenário que Vattimo encontra espaço para ressignificar a religião e o cristianismo, embora ele tenha dito que nunca havia abandonado (Vattimo, 1999). Para ele, recuperar essa fé é como encontrar a peça final de um "quebra-cabeça filosófico que é bom demais para ser verdade" (Vattimo, 1996b, p. 40).

Esse quebra-cabeça encontra solução na "secularização". "Isso, como é bem conhecido, indica o processo de "deriva" que removeu a civilização l*eiga* moderna de sua origem sacra" (Vattimo, 1996b, p. 41). O conceito de secularização, no entanto, não implica o abandono do sagrado, mas uma transformação. Tradicionalmente vista como o afastamento do religioso da esfera pública, Vattimo percebe que a secularização é um fenômeno mais profundo, que ocorre no contexto do domínio do positivismo antes mesmo do "evento" da morte de Deus. Na visão de Vattimo, a hermenêutica, sendo a linguagem apropriada para a filosofia nesse novo horizonte, não deve levar a um relativismo onde "tudo vale". Ele rejeita tanto a imposição de interpretações dominantes quanto uma postura passiva de aceitação indiscriminada da pluralidade interpretativa. Para Vattimo:

> A secularização como um fato 'positivo' que significa a dissolução das estruturas sacras da sociedade cristã, a transição para uma ética de autonomia, para um estado laico, para um literalismo mais flexível na interpretação de dogmas e preceitos, deve ser entendida não como o fracasso ou afastamento do cristianismo, mas como uma realização mais plena de sua verdade, que é, como lembramos, a *kénosis*, a humilhação de Deus, que mina as características 'naturais' da divindade (Vattimo, 1996b, p. 49).

Portanto, a secularização para Vattimo, é um processo de emancipação que ocorre por meio do enfraquecimento de estruturas rígidas, sejam elas de origem religiosa ou metafísica. Ambas, em sua essência, carregam uma espécie de "violência" metafísica de um Deus absoluto, coercivo e ameaçador.

> Não existe um parentesco estreito entre niilismo e violência; mas também, se isso não se pode atribuir de qualquer forma a Nietzsche, é muito verossímil que o niilismo tenha como efeito a dissolução das razões com as quais se justifica e se alimenta a violência (Vattimo, 1999, p. 50).

Uma violência que aprisiona sem muros, pois "a violência metafísica afeta profundamente muitos dos aspectos mais controversos da 'moralidade cristã'. A violência metafísica é, geralmente, toda identificação entre lei e natureza, que tem nomeado o ensinamento tradicional da Igreja" (Vattimo, 2002, p. 102)[8]. Nesse sentido, a mensagem cristã oferece um modelo para o niilismo hermenêutico, funcionando como um ponto de referência que fundamenta a hermenêutica contemporânea, "na medida em que comporta um debilitamento da força coerciva da 'realidade'" (Vattimo, 1996a, p. 13). Ela permite enxergar a história como um processo contínuo de enfraquecimento (*pensiero debole*)[9], ao invés de interpretar a morte de Deus como uma ruptura abrupta causada por algo transcendental na história.

Segundo Vattimo, interpretações "fortes" podem surgir como reações ao niilismo, um termo nietzschiano que descreve como indivíduos ou grupos respondem à ausência de valores

[8] Citação retirada do livro eletrônico, que não corresponde literalmente à página do livro original impresso. Todas as citações a partir deste livro nesta pesquisa, devem ser relacionadas às páginas do *E-book*. Disponível em: https://archive.org/details/afterchristianit0000vatt/page/n7/mode/2up. Acesso em 26 mar. 2025.

[9] O *pensiero debole* (ou "pensamento fraco") é um conceito central na filosofia de Gianni Vattimo, que busca responder à crise da metafísica tradicional e ao advento do niilismo na contemporaneidade. Para Vattimo, o *pensiero debole* representa uma forma de pensar que abandona a busca por verdades absolutas, estruturas universais e princípios transcendentes, adotando, em vez disso, uma postura mais humilde e aberta à pluralidade e às interpretações históricas e culturais.

supremos. A morte de Deus pode liberar novas "metáforas" e abrir espaço para discursos diversos, mas também para identidades fortes – religiosas, étnicas ou políticas – que se afirmam de forma excludente, sem a necessidade de seguir um padrão único de racionalidade. Nesse contexto, Vattimo busca um critério normativo que permita julgar as diferentes interpretações e combater o niilismo reativo[10], especialmente quando ele se ancora em princípios transcendentes. Sua estratégia é ancorar a hermenêutica em uma base histórica, entendendo-a como o resultado de um processo de enfraquecimento, ideia que dá nome ao seu "pensamento fraco". Esse enfraquecimento não pode ser um movimento dialético que supera a metafísica, já que traços dessa estrutura estão profundamente enraizados na linguagem e na tradição que moldam nossa experiência e interação. Por isso, para Vattimo, o enfraquecimento não é algo que se conclui, mas um processo contínuo e indefinido.

Ele descreve, assim a história do enfraquecimento do Ser, como uma espécie de "transcrição" da *kénosis*, onde o divino se esvazia para abrir espaço a uma nova compreensão plural e interpretativa da existência. É importante destacar que *kénosis* é um termo teológico de origem grega que significa "esvaziamento" e aparece no Novo Testamento, mais notavelmente em *Filipenses* 2,7, onde se descreve que Cristo "esvaziou-se a si mesmo" ao assumir a forma humana e sacrificar-se. Na tradição cristã, *kénosis* é entendida como o gesto divino de autolimitação e humildade, em que Deus se distancia de sua onipotência para se aproximar da humanidade.

Nesse contexto, a mensagem cristã de esvaziamento se torna um "estímulo" fundamental para a dissolução da metafísica, não como ruptura, mas como um movimento interno de transformação. Para Vattimo, a secularização é tanto uma obra quanto um efeito de "Deus na Bíblia", da desmistificação dos "absurdos" do texto bíblico (Vattimo, 1996b, p. 68), o que reforça a ideia de que o niilismo hermenêutico e o cristianismo não são forças opostas, mas manifestações de uma mesma trajetória histórica. De fato, a *kénosis* não pode ser concebida nem como a negação indefinida de Deus nem como uma justificação de qualquer interpretação particular das Escrituras Sagradas (Vattimo, 1996b).

Ainda assim, essas interpretações de continuidade carecem de uma explicação mais robusta. Embora Vattimo perceba que o niilismo hermenêutico na condição pós-moderna tem raízes no cristianismo, sua tentativa de estabelecer um vínculo claro entre essas ideias e a secularização é, por vezes, confusa. Ele se apoia na obra de René Girard para conectar a mensagem cristã à história do enfraquecimento e à violência, mas essa abordagem não oferece uma teoria detalhada sobre como a secularização se desenvolveu. Vattimo dialoga com Girard:

> Girard, reconhecendo que o sagrado natural é violento não apenas na medida em que o mecanismo baseado na vítima pressupõe uma divindade sedenta por vingança, mas também na medida em que atribui a tal divindade todos os predicados de onipotência, absolutismo, eternidade e "transcendência" com relação à humanidade, que são precisamente os atributos atribuídos a Deus pelas teologias naturais, mesmo por aquelas que se consideram os prolegômenos da fé cristã. Em suma, o Deus violento de Girard é, desse ponto de vista, o Deus da metafísica, o que a metafísica chamou de ipsum esse subsistens, a soma em forma preeminente de todos os caracteres do ser objetivo, como pensado pela metafísica. A dissolução da metafísica também é o fim dessa imagem de Deus, a morte de Deus da qual Nietzsche falou (Vattimo, 1996b, p. 37).

Girard revela que a essência da mensagem cristã está em expor o "sagrado natural", mas não explica como essa mensagem se manifestou ao longo da história, especialmente considerando

[10] Niilismo reativo distingue-se do ativo em termos de força do espírito. O niilismo reativo ou passivo, é a atitude do espírito fraco que, diante da dissolução dos valores supremos e estruturas estáveis, recusa-se a encarar esse vazio e tenta encobri-lo com disfarces religiosos, morais, políticos ou estéticos. Ele não nega ativamente, mas finge afirmar algo para evitar o confronto com o nada. É uma forma de fuga e de apego a ilusões consoladoras. (Vattimo, 2010b, p. 242).

que o mecanismo de vitimização permaneceu ativo na maior parte do cristianismo. Vattimo coloca esse conflito no centro da história do pensamento europeu, conectando-o à visão de Heidegger sobre a dissolução da metafísica e à célebre frase de Nietzsche: "não existem fatos, apenas interpretações" (Vattimo, 2005, p. 46). No entanto, ele não detalha suficientemente como a "ontologia hermenêutica" de Heidegger e o "niilismo" de Nietzsche aprofundam esse princípio, "portanto, a relação entre a hermenêutica moderna e a história do cristianismo não se limita ao fato de que a reflexão sobre a interpretação tem um nexo essencial com a leitura de textos bíblicos, como tem sido frequentemente observado" (Vattimo, 2005, p. 47). Isso demonstra sua eloquência diante da dissolução da metafísica associada à morte de Deus de Nietzsche. Ainda sobre a morte de Deus, Vattimo (2002, p. 10) o menciona:

> Assim como Nietzsche não pode afirmar que Deus não existe (caso contrário, ele teria que dizer que conhece a verdadeira estrutura do real), Heidegger não pode descartar a metafísica afirmando que a realidade tem uma estrutura diferente, que não é objetiva, mas sim móvel. Ele ainda estaria afirmando outra estrutura. De fato, Heidegger descarta a concepção metafísica — objetiva, estável e estrutural — do Ser apenas em nome de uma experiência de liberdade: se existimos (com nossos projetos, esperanças, objetivos e medos) como seres finitos que não são apenas aparências, mas sim seres que têm um passado e um futuro, então não podemos conceber o Ser de acordo com os termos objetivistas da metafísica.

A metafísica, entendida como um pensamento fundamentalista ou totalizante, fundamentado na ideia de ser como presença absoluta e na "verdade" como algo único e inquestionável, é um dos alvos da reflexão crítica de Gianni Vattimo. Suas vertentes críticas e interpretativas dos pensamentos de Nietzsche e Heidegger caracterizam sua própria interpretação da metafísica e seu fim, como exposto: "seja como for, é daqui que parte o meu discurso, que se inspira nas ideias de Nietzsche e Heidegger sobre o niilismo como ponto de chegada da modernidade, e sobre a consequente tarefa, para o pensamento, de tomar consciência do fim da metafísica" (Vattimo, 1996b, p. 23). Ele dialoga com Heidegger ao adotar sua concepção da metafísica como uma forma de "violência". Essa visão entende o ser como uma presença impositiva e fundadora, que frequentemente inspira uma atitude de adoração (particularmente religiosa), bloqueando a possibilidade de questionamentos futuros. Vattimo destaca que Heidegger rejeita a metafísica justamente porque ela reduz o Ser a uma simples-presença, perpetuando características de dominação e imposição que deveriam ser evitadas. De acordo com Vattimo (2020, p. 60):

> Na perspectiva heideggeriana, como se sabe, Metafísica é aquele pensamento que considera o ser como um sistema de objetos rigorosamente concatenados entre si por um princípio de causalidade. Esta concatenação de todos os entes segundo o nexo de fundação que na Metafísica antiga – por exemplo e, sobretudo, Aristóteles – é somente cultivada, a nível ideal da mente, na modernidade que se atua realmente a obra da técnica; a qual, portanto, é a Metafísica realizada.

Ao se deparar com a metafísica teológica de investigação sobre a existência e natureza de Deus ou do divino, a questão da "morte de Deus" e do fim da metafísica aponta para o declínio da noção de Deus como fundamento absoluto e para a perda da ilusão de alcançar a verdade plena, ou seja, o objetivo que marcou a trajetória da metafísica ao longo da história. Esse movimento representa uma transição significativa do pensamento moderno para o pós-moderno.

Diante desse novo cenário, a reflexão de Vattimo sobre a relação entre niilismo e cristianismo ganha relevância, especialmente pela maneira como ele integra esses dois conceitos à sua ideia de "pensamento enfraquecido". No entanto, o desaparecimento do Deus metafísico não conduz automaticamente à redescoberta do Deus cristão apenas por eliminar os preconceitos da religião natural. Trata-se entender o fim da metafísica como a revelação de uma inclinação essencial do

Ser para afirmar sua verdade por meio do enfraquecimento, e a ontologia fraca não será apenas uma negação ou uma etapa preparatória para o retorno da religião. Diferentemente das filosofias da religião influenciadas pelo existencialismo, que rejeitam a teologia natural e sustentam a necessidade de Deus a partir da angústia da condição humana, a ontologia fraca propõe um caminho que não depende da demonstração direta de um Deus absoluto e onipotente, mas de uma compreensão mais sutil e dinâmica da experiência religiosa.

A pós-modernidade e a crise do cristianismo

Para compreender a visão de Vattimo sobre a Pós-modernidade, é essencial reconhecer que a crise do cristianismo se insere no contexto mais amplo do colapso das "grandes narrativas". O destino da fé cristã, segundo essa perspectiva, está profundamente ligado ao surgimento de um mundo e de uma cultura pós-metafísica, caracterizados pelo "pensamento fraco", amplamente divulgado por Vattimo. O conceito de "pensamento fraco", elaborado por Vattimo, está intimamente ligado a essa leitura "kenótica" do cristianismo. Enfraquecer o pensamento significa, aqui, rejeitar os alicerces ontológicos da metafísica clássica, e abrir espaço para uma filosofia da interpretação, em que a verdade não se impõe como algo eterno e universal, mas em*erge* do diálogo contínuo com a história, com as experiências humanas e com os textos. Segundo Vattimo (1996b, p. 38):

> A Encarnação, isto é, a humilhação de Deus ao nível do homem, o que o Novo Testamento chama de '*kénosis*' de Deus, deve ser entendida como um sinal de que a principal característica do Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica reside precisamente nesta tendência à atenuação de que fala a filosofia de inspiração heideggeriana.

No entanto, essa nova era não deve ser interpretada como essencialmente antirreligiosa ou anticristã. Pelo contrário, em algumas de suas manifestações, a Pós-modernidade reabre espaço para a religião, permitindo que ela ressurja após ter sido obscurecida pela modernidade e pela secularização. Sendo assim, o retorno da fé de Vattimo dar-se-á pelo estudo do autor sobre o censo e contrassenso de Nietzsche e Heidegger, pois "é precisamente através desses autores, que não eram apenas antimodernos, mas também anticristãos (especialmente Nietzsche), que paradoxalmente fui levado de volta à fé cristã, ou a algo que tem uma semelhança impressionante com ela" (Vattimo, 2002, p. 9).

Vattimo destaca que o período pós-moderno é marcado pelo abandono da ideia de uma realidade rigidamente fundamentada em um princípio absoluto. Nesse cenário, o ser humano é convidado a aceitar sua existência como essencialmente frágil e contingente, aprendendo a conviver tanto consigo mesmo quanto com sua finitude. Além disso, essa nova compreensão possibilita uma convivência mais harmoniosa com o outro, favorecendo o respeito à multiplicidade de interpretações e perspectivas. A morte do Deus entendido como fundamento absoluto e a consequente emergência de um pensamento pós-metafísico, libertam o ser humano dos dogmatismos que historicamente conduziram à intolerância e ao totalitarismo.

> Em outras palavras, é precisamente o mundo babélico da modernidade tardia que "verifica" o anúncio nietzschiano da morte de Deus e o anúncio heideggeriano do fim da metafísica — que são idênticos em significado — legitimando-os. Em um certo sentido, que não pode ser sistematizado, este é o mundo onde "o Deus moral" como fundamento metafísico está morto e enterrado. Mas o Deus moral é apenas o que Pascal se referiu como o Deus dos filósofos. Há muitas indicações, portanto, de que a morte do Deus moral abriu caminho para a renovação da vida religiosa (Vattimo, 2002, p. 18).

Nesse sentido, a morte de Deus e a metafísica, de Nietzsche e Heidegger, respectivamente, abriram caminho para o encorajamento e o redescobrimento da religião por Vattimo. O fim da

metafísica pode ser interpretado como uma "transcrição" da mensagem da Encarnação, do Deus humanizado. Para Vattimo, Cristo tem um papel central tanto na *kénosis* de Deus quanto em sua mensagem de amizade. O conceito de "*kénosis*" apareceu pela primeira vez na Carta aos Filipenses (Fil 2,7), onde o verbo grego *kénoô* (Brito, 1998, p. 630), que significa "esvaziar-se", indica teologicamente a renúncia da onipotência divina na Encarnação.

> A encarnação, ou seja, o abaixamento de Deus ao nível do homem, aquilo que o Novo Testamento chama de kênosis de Deus, será interpretada como sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como seu traço distintivo aquela mesma vocação ao enfraquecimento da qual fala a filosofia de inspiração heideggeriana (Vattimo, 1996b, p. 38).

A reflexão de Gianni Vattimo sobre o cristianismo parte do reconhecimento de que vivemos em uma era pós-metafísica, em que já não se sustenta a crença em verdades eternas ou em uma realidade concebida de forma objetiva e universal. Nesse contexto, o pensamento cristão, em sua essência mais profunda, é reinterpretado por Vattimo não como um sistema de dogmas rígidos, mas como a revelação de uma mensagem de enfraquecimento das estruturas fortes da metafísica, uma *kénosis*. A ideia central que perpassa sua filosofia é a de que o cristianismo, ao narrar o esvaziamento de Deus (que se faz homem), o qual abdica da sua condição divina para assumir a finitude humana, apresenta-se como o primeiro movimento de secularização da história do pensamento ocidental, expressando a essência do cristianismo. Temos em Filipenses o hino cristológico de humildade e obediência de Jesus:

> De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas fez a si mesmo de nenhuma reputação, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (*Filipenses* 2, 5-11).

Essa autolimitação divina, descrita pelo apóstolo Paulo na carta aos Filipenses, é, para Vattimo, o acontecimento inaugural que rompe com a concepção de um Deus todo-poderoso, absoluto e exterior ao mundo. Se a história da salvação se concentra na *kénosis* de Deus e no enfraquecimento do Ser, "a secularização não deve mais ser concebida como abandono da religião, mas como a realização paradoxal da vocação religiosa do Ser" (Vattimo, 2002, p. 26). Nesse sentido, Vattimo compreende a secularização como um processo de desmitologização da cultura e das formas de pensamento que buscam transcendências metafísicas. Para ele, a encarnação desempenha um papel essencial na dissolução da transcendência, no declínio das ideologias totalitárias e no fortalecimento do diálogo inter-religioso. Esse processo não apenas combate discursos fundamentalistas, mas também valida experiências religiosas para além do universo judaico-cristão. Para Vattimo (2010b, p. 70)[11],

> Mesmo se olharmos para a situação geral do mundo e não apenas para a história do cristianismo, a ideia de *kénosis*, que para os cristãos é o próprio sentido da encarnação e está, portanto, no centro da história da salvação, impõe-se do ponto de vista do destino da metafísica. [...] Nesta luz, a *kénosis*, que é o próprio significado do cristianismo, significa que a salvação consiste sobretudo em romper a identidade entre Deus e a ordem do mundo real; Em suma, distinguir Deus do ser (metafísico) entendido como objetividade, racionalidade necessária, fundamento.

[11] Citação retirada do livro eletrônico, que não corresponde literalmente a página do livro original impresso. Todas as citações a partir deste livro nesta pesquisa, devem ser relacionadas às páginas do E-book. Disponível em: https://archive.org/details/vattimo-gianni-d-agostini-franca-mc-cuaig-william-the-responsibility-of-the-philosopher/mode/2up. Acesso em: 21 mar. 2025.

A desmistificação, portanto, é a *kénosis* do pensamento cristão. Inspirado na tradição protestante do século XIX, Vattimo argumenta que o auto esvaziamento de Cristo implica a renúncia a seus atributos divinos. Há duas formas principais de interpretar a *kénosis* em sua obra *Acreditar em acreditar*: a primeira enfatiza que o divino está plenamente envolvido com a historicidade e com a linguagem, à medida que em que revela Deus como Palavra pacífica e dialógica; a segunda sugere que Deus abriu mão de sua posição de autoridade para se tornar um amigo da humanidade (Vattimo, 1996b). Nesse sentido, Deus se "secularizou" na *kénosis*. Para os cristãos, seguir esse modelo implica não apenas agir, mas também pensar de maneira semelhante. A recusa do auto enfraquecimento significaria perpetuar a violência contra o outro ao reivindicar posse de verdades objetivas e ao buscar impô-las pois, segundo a ideia de Santo Agostinho "*interiore homine habitat veritas*" (Vattimo, 2010b, p. 81). Seguindo essa lógica, a secularização implica um processo de transformação profunda no modo como os seres humanos interagem com o mundo. A *kénosis* deve ser compreendida à luz da ontologia heideggeriana, onde o foco não está nos entes individuais, mas no Ser em si. Ainda sobre encarnação e *kénosis*, Vattimo (2010b, p. 70) salienta:

> É a encarnação entendida como *kénosis* que se realiza hoje de forma mais completa, pois a doutrina perde tantos elementos de superstição que a caracterizaram no passado remoto e recente. A superstição mais séria e perigosa é acreditar que a fé é um "conhecimento" objetivo; Em primeiro lugar, de Deus (será que ele realmente queria nos revelar como é sua "natureza"?), e depois das leis da "criação", das quais derivam todas as normas da vida individual e coletiva. Essa superstição também pode ser um apego inocente a ideias do passado, mas é muito mais provável que tenha a ver com uma tendência ao autoritarismo que nunca desapareceu da tradição da Igreja. De fato, uma vez que pretende comandar em nome da "natureza" das coisas e do homem, a Igreja pode tentar impor seus próprios princípios até mesmo aos não crentes, em oposição ao princípio do secularismo, da tolerância e da própria caridade.

Nessa perspectiva, a encarnação não apenas dissolve o modelo tradicional de transcendência, mas inaugura uma nova maneira de pensar o divino: não mais como uma substância inatingível, mas como uma mensagem, ou melhor, como o próprio "falar de Deus" que se confunde com sua presença no mundo. Deus não é uma entidade além da linguagem, mas se manifesta por meio dela, de modo que, sem os textos bíblicos, a própria história do pensamento ocidental, segundo Vattimo, seria impensável (Vattimo, 2002).

Esse processo de enfraquecimento, no entanto, não conduz ao niilismo negativo, mas à descoberta de um fundamento paradoxalmente firme: a *cáritas* como princípio último, sugerido firmemente por Vattimo. Para Vattimo "a única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é um enunciado experimental, lógico, metafísico, mas sim um apelo prático – é a verdade do amor, da *cáritas*" (Vattimo, 2006, p. 71).

Sem a *cáritas*, a secularização poderia degenerar-se em indiferença, relativismo cínico ou silenciamento perene do outro. Ela implica a rejeição da violência, seja física, simbólica ou epistemológica, e a promoção constante do diálogo. Não se trata de um fim metafísico que encerra todas as questões, mas de uma abertura permanente à alteridade, uma disposição contínua para o acolhimento do outro. Ao contrário do modelo autoritário e objetivista, que durante séculos marcou a história da Igreja, essa nova forma de pensar a fé se baseia na aceitação da pluralidade e da historicidade como constitutivas da experiência religiosa e da metanarrativa das Escrituras (Vattimo, 2002). A verdade, nesse horizonte, não é uma posse definitiva a ser defendida, mas algo que se dá nas interpretações e nos encontros.

Assim, o cristianismo, longe de ser um obstáculo ao pensamento pós-metafísico, torna-se seu aliado mais radical. A encarnação, compreendida como *kénosis*, não apenas permite a

secularização, mas a exige. E é justamente por meio desse processo que se pode resgatar o sentido original do Evangelho: a dissolução de todo poder que não se funda no amor. A universalidade da *cáritas*, portanto, não exclui as diferenças, mas as sustenta; ela é o princípio de uma comunidade plural em que cada um pode ser reconhecido em sua singularidade. Amar, nesse sentido, é dizer ao outro: "quero que você seja". E é essa afirmação fundamental que, para Vattimo, continua sendo o verdadeiro milagre da fé cristã na era da interpretação.

No cerne dessa proposta, encontra-se a *cáritas*, o amor cristão que se torna, para Vattimo, o verdadeiro princípio normativo da fé e o único elemento que resiste à secularização. Ele não a entende como um valor absoluto fundado teoricamente, mas como um *ethos*, uma atitude, um modo de ser que orienta a prática. Ainda que toda estrutura religiosa ou moral possa ser relativizada no horizonte pós-metafísico, a *cáritas* permanece como critério último para a ação e para a interpretação da tradição cristã (Vattimo; Dotolo, 2012)[12]. É a partir dela que se pode compreender a secularização não como abandono da fé, mas como seu desdobramento coerente. Pois a própria *cáritas* exige a renúncia ao poder, à violência, à imposição de verdades e dogmas incontestáveis. Por isso, segundo Vattimo, a religião do Deus encarnado é obrigada a apresentar suas pretensões de verdade e autoridade de forma igualmente enfraquecida (*kenótica*) (Vattimo, 1999). Vattimo (1996b, p. 76) acrescenta:

> A interpretação dada por Jesus Cristo das profecias do Antigo Testamento, ou (melhor) a interpretação que Ele mesmo é, revela seu verdadeiro e único significado: o amor de Deus por suas criaturas. No entanto, esse significado "último", precisamente em virtude de ser *cáritas*, não é realmente último e não possui a perentoriedade do princípio metafísico, que não pode ser transcendido e diante do qual todo questionamento cessa.

Para Vattimo, a caridade é a única realidade que escapa à secularização. Ela é a chave interpretativa central das Escrituras e representa o limite último desse processo. Assim, a caridade (*cáritas* – o amor incondicional de Deus por toda criatura) que é o ensinamento supremo do Cristo, enquanto rejeição da violência, torna-se a base para a experiência religiosa contemporânea. No cristianismo, a caridade deve ocupar o lugar de destaque, enquanto dogmas e normas fixas precisam ser reavaliados. Sendo assim, o cristianismo não deve ser visto como um sistema doutrinário ou um código moral rígido, mas como uma vivência em que a bondade humana se manifesta de maneira transparente e relacional.

Dessa forma, Vattimo posiciona o cristianismo no centro do "*kénosis*" religioso pós-moderno. Esse retorno, no entanto, não se dirige à religião em geral, mas especificamente ao cristianismo. Esse enfoque permite uma crítica à Igreja Católica Romana, considerando episódios históricos como as Cruzadas e a Inquisição, sem deixar de reconhecer que esses eventos são passíveis de múltiplas interpretações. Portanto, a recuperação do cristianismo por Vattimo está vinculada à busca de uma ética capaz de julgar a pluralidade hermenêutica da modernidade tardia. Ele encontra essa ética na caridade, entendida como um movimento relacional e voluntário (Vattimo, 1996b), pois a caridade, é o único elemento que não pode ser secularizado, e permanece como um princípio dinâmico e inominável.

Se a metafísica foi enfraquecida em favor da comunhão e da história da salvação, cuja centralidade se dá na encarnação, e se Deus, ao se encarnar, rebaixou-se e se fez amigo da humanidade, essa mensagem deve servir como fio condutor para interpretações contemporâneas do cristianismo, pois "o cristianismo é um encorajamento, que é uma mensagem de libertação da

[12] O livro ao qual tivemos acesso não apresenta paginação e essa referência encontra-se na página 12 não numerada. Disponível em: https://archive.org/details/gianni-vattimo-carmelo-dotolo-dios-la-posibilidad-buena_202310/page/n11/mode/2up. Acesso em: 13 mar. 2025.

metafísica" (Vattimo, 2010b, p. 46). Em um livro intitulado *A responsabilidade do filósofo*, Vattimo escreve: "não consigo mais manter a noção de verdade e caridade evangélica separadas" (Vattimo, 2000, p. 76)[13]. A caridade, segundo Vattimo, significa uma vida de ouvir os outros e responder aos outros em diálogo, mas o não-cristianismo do autor se fundamenta em sua incapacidade de dar espaço à abstração de Deus, porque "na Bíblia, a vida eterna é basicamente pensada mais como um banquete do que uma contemplação geométrica de verdades objetivas. Que sentido haveria em passar a eternidade na contemplação abstrata de Deus?" (Vattimo, 2000, p. 76). E essa seria, então, a verdade absoluta?

> É verdade que, uma vez considerando que não existem verdades absolutas, mas apenas interpretações, muitos autoritarismos são desmascarados pelo que são, isto é, pretensões de impor-nos comportamentos com que não concordamos em nome de uma lei natural qualquer; uma essência humana, uma tradição intocável, uma revelação divina etc. (Vattimo, 2010a, p. 24).

A verdade, para Vattimo, indica que não existe uma verdade pura, mas verdades situadas, resultantes de interpretações mediadas por contextos, linguagens, valores e interesses. A tarefa do pensamento pós-metafísico, portanto, é assumir essa condição interpretativa da verdade e agir de forma responsável e ética dentro dela, reconhecendo que todo saber é limitado, histórico e humano. (Vattimo, 2010a). A hipocrisia da política moderna deve ser condenada "não porque permita mentiras que violem o valor 'absoluto' da verdade como correspondência, mas porque viola o vínculo social com os outros; poderíamos dizer que vai contra a igualdade e a caridade, ou contra a liberdade de todos" (Vattimo, 2010a, p. 28). Nesse sentido, o diálogo cristão deve se basear na entrega de si ao outro em verdade, em um espírito de acolhimento e caridade. Por conseguinte, a caridade e o diálogo cristão, foram fortes pontos para o retorno de Vattimo ao cristianismo e ele salienta:

> Gostaria de explicar meu paradoxo de ter recuperado o cristianismo — na forma de acreditar que acredito — por meio de Nietzsche e Heidegger. O anúncio de Nietzsche de que "Deus está morto" não é uma tese ateísta como "Deus não existe". Nietzsche não poderia declarar uma tese como a inexistência de Deus porque a reivindicação de sua verdade absoluta teria que ser mantida como um princípio metafísico, isto é, como a verdadeira "estrutura" da realidade, tendo a mesma função que o Deus tradicional da metafísica. Onde quer que haja um absoluto, mesmo que seja a pura afirmação da inexistência de Deus, a metafísica está sempre presente na forma do princípio supremo, a saber, o Deus cuja superfluidade Nietzsche acredita ter descoberto. Em suma, para Nietzsche "Deus está morto" não significa nada mais do que o fato de que não há fundamento último. Um significado análogo, embora não reconhecido, é encontrado na polêmica de Heidegger contra a metafísica — toda a tradição filosófica europeia desde Parmênides — que se acredita capaz de apreender o fundamento último da realidade na forma de uma estrutura objetiva como uma essência ou uma verdade matemática, que é dada fora do tempo (Vattimo, 2002, p. 9).

A morte de Deus contradiz a verdade absolutista da Igreja e de seu fundamentalismo único, fazendo filósofos experienciarem a caridade no amor de Deus, sem dogmas, violência e verdades prontas (Credere di Credere, 1998). A crítica de Gianni Vattimo dirigia-se, inicialmente, ao catolicismo institucional do pontificado de João Paulo II, sobretudo por sua rigidez moral em temas como sexualidade, bioética e política, que, em sua leitura, revelavam a permanência de uma Igreja comprometida com fundamentos metafísicos e estruturas de poder autoritárias. No entanto, com o advento do pontificado de Francisco, essa postura sofre uma inflexão notável. Em *Essere e dintorni* (Vattimo, 2018) em entrevistas posteriores, Vattimo reconhece no Papa Francisco

[13] Citação retirada do livro eletrônico, que não corresponde literalmente à página do livro original impresso. Todas as citações a partir deste livro nesta pesquisa, devem ser relacionadas às páginas do E-book. Disponível em: https://archive.org/details/vattimo-gianni-d-agostini-franca-mc-cuaig-william-the-responsibility-of-the-philosopher/page/n75/mode/2up. Acesso em: 23 mar. 2025.

uma oportunidade histórica de renovação, capaz de ultrapassar as fronteiras da instituição e de reaproximar o cristianismo de seu núcleo ético e existencial mais autêntico: a caridade, a humildade e a atenção aos marginalizados. Vattimo declarou: "Francisco é uma grande oportunidade para a Igreja. Existem papas que representam uma oportunidade para a renovação e a transformação. Às vezes exagero, compreendo que o papa é sempre o papa; devo recordar-me muitas vezes que um papa não pode fazer tudo, apenas algumas coisas"[14].

Essa nova disposição espiritual reflete uma mudança profunda em seu próprio modo de crer. O filósofo, que outrora ironizava sua relação com a fé dizendo ser "ateu, graças a Deus", reconhece agora viver "um cristianismo de velhinha", sustentado por gestos simples de devoção, como a recitação das orações tradicionais. Nas palavras de Vattimo: "Agora que temos o Papa Francisco, já não me envergonho mais de rezar as Completas à noite"[15].

Tais declarações revelam que, para Vattimo, Francisco encarna a possibilidade concreta de um cristianismo pós-metafísico, no qual a fé se reconcilia com o niilismo positivo e se traduz em abertura, diálogo e solidariedade. Por isso, o filósofo chega a afirmar que Francisco é o único líder capaz de promover uma verdadeira revolução comunista, entendida não em sentido ideológico, mas como uma revolução da caridade, em que o amor e o enfraquecimento do poder tornam-se os fundamentos de uma nova ética cristã.

Essa ética cristã traz a ideia de que a secularização, longe de ser um afastamento da religião, é a realização da essência do cristianismo, cuja mensagem central se concretiza na diversidade da vida. Com a morte do Deus metafísico, o Evangelho pode renascer como uma força criativa, dinâmica e enraizada na caridade, superando a noção de verdade absoluta que muitas vezes foi atribuída a Cristo. Assim, a leitura vattimiana sugere que a Pós-modernidade não é um tempo de ruptura com o cristianismo, mas um momento de sua ressignificação, no qual conceitos como encarnação, *kénosis* e caridade, tornam-se fundamentais para compreender a relação entre o ser, a história e o pensamento pós-metafísico.

Considerações Finais

No debate atual sobre religião, observa-se a dificuldade das instituições eclesiásticas em acompanhar o ritmo do mundo pós-moderno. A cada dia, as demandas da cultura contemporânea parecem se afastar ainda mais da proposta religiosa, especialmente no campo ético. Diante desse cenário, novos tempos exigem respostas inovadoras, talvez até ousadas, como as de Vattimo, mas que ao menos demonstrem um esforço genuíno para manter o diálogo aberto com a cultura pós-moderna. Diversos autores já se dedicaram a analisar o fenômeno religioso contemporâneo, oferecendo novas interpretações, tanto positivas quanto negativas.

Vattimo, que possui raízes cristãs, identifica-se como um pós-modernista, o que explica sua afinidade com pensadores como Nietzsche e Heidegger. Seu interesse por esses filósofos decorre da crítica que fazem à modernidade. O pós-modernismo, um movimento ainda em processo de definição, apresenta múltiplas abordagens, mas compartilha um ponto em comum: a tensão entre a diversidade intransponível e a possibilidade de acesso à verdade. Vattimo concorda com essa ideia, em parte por razões filosóficas.

Em seus escritos, o autor busca evidenciar o impasse da modernidade, sugerindo que o pós-modernismo surge como uma necessidade. Ele aborda, com entusiasmo, diversos artifícios

[14] Ver: Francisco é uma grande oportunidade para a renovação e a transformação da Igreja (2017).
[15] Ver: A minha liberdade não pode não derivar de um ato de liberdade – Esse é o núcleo do meu ser cristão (2018).

hermenêuticos que sustentam suas esperanças pós-modernistas. A modernidade caracteriza-se por um constante movimento de superação, apresentando-se sempre como algo novo que precisa ser substituído por algo mais recente. No entanto, essa visão se torna problemática à medida que se percebe que a história está em constante transformação. Para romper com esse ciclo, não se pode simplesmente recorrer à superação como solução, pois a superação, por essência, faz parte da própria modernidade.

A proposta relativista de Vattimo sobre o cristianismo, também justificada metafisicamente, tenta conciliar o *ethos* pós-moderno com os conteúdos do Evangelho. Para Vattimo, no entanto, a morte de Deus e a superação da metafísica não significam o fim da religião. Pelo contrário, apontam para o enfraquecimento da compreensão tradicional de Deus e abrem novas possibilidades para a vivência da religiosidade e para a reflexão sobre o papel da religião na contemporaneidade. Segundo sua perspectiva, cristianismo e secularização não se opõem nem se anulam mutuamente. Pelo contrário, Vattimo argumenta que a secularização, sendo fruto da tradição cristã ocidental, representa uma realização do próprio cristianismo. Assim, a morte de Deus não significa um colapso, mas sim a oportunidade de explorar o conhecimento e assumir o risco de afirmações provisórias e flexíveis sobre a realidade.

A abordagem de Vattimo ao niilismo é fundamentalmente positiva. Desde o princípio, ele entende o niilismo como a ausência de um fundamento último para a objetividade metafísica e epistêmica, que poderia sustentar reivindicações absolutas de verdade. Nietzsche via Deus como um dos valores ordenadores da existência, sendo ele próprio o valor supremo e o significado essencial de tudo. Com o anúncio da morte de Deus, tanto o objetivo final da história quanto a noção de verdade absoluta perderam seu sentido. Como consequência, outros valores antes considerados essenciais também se deslocaram na hierarquia, fazendo com que o nada surgisse como pano de fundo do mundo. No entanto, Vattimo rejeita uma interpretação negativa desse evento. Ele propõe enxergar o niilismo não como decadência, mas como uma oportunidade única para o homem contemporâneo.

Ironicamente, a morte de Deus, entendida como o fim da metafísica absolutista, através da secularização e do niilismo positivo, acaba por possibilitar o renascimento da religião. Para os cristãos, isso implica um retorno às raízes caritativas de sua fé. Como criador do conceito de "pensamento fraco", Vattimo incorpora as tradições filosóficas modernas ao cristianismo em sua versão niilista, redefinindo os horizontes da crença e proporcionando novas interpretações sobre os elementos essenciais da religião. Essa nova perspectiva reformula não apenas o entendimento do conteúdo da fé, mas também a forma como ela é descrita e vivida na contemporaneidade. Vattimo a ressignifica como niilismo positivo ou hermenêutico, isto é, como uma condição que permite a superação das pretensões totalizantes da razão e a abertura para uma pluralidade de interpretações. Portanto, o cristianiilismo de Vattimo expressa o movimento de autossuperação do cristianismo dentro de si mesmo, em que o niilismo não é sua negação, mas sua consumação, o momento em que o cristianismo realiza plenamente sua mensagem de caridade e de despojamento do poder.

Assim, o termo cristianiilismo, aqui forjado, pode ser compreendido como uma interpretação niilista do cristianismo, ou ainda, como uma forma de cristianismo hermenêutico, no qual a fé se reconcilia com o enfraquecimento dos absolutos e com a historicidade das verdades. A morte de Deus, longe de significar a negação da religiosidade, torna-se o ponto de partida para uma espiritualidade sem dogmas e sem violência metafísica, coerente com a proposta de Vattimo de um "pensamento fraco".

Concluindo, o cristianiilismo proposto a partir de Vattimo implica o fim da jornada do abismo de uma verdade absoluta do cristianismo. Em outras palavras, a secularização e o niilismo positivo

não representam uma negação do cristianismo, mas uma transformação que permite uma vivência religiosa mais aberta e flexível. O "abismo" simboliza o risco de se apegar a uma concepção rígida da verdade, que pode levar à exclusão de outras perspectivas e ao afastamento da religião da realidade contemporânea. Assim, o "fim" dessa caminhada não significa o desaparecimento da fé, mas uma reconfiguração do cristianismo, que passa a dialogar com a diversidade e a multiplicidade de interpretações no mundo atual.

Referências

A minha liberdade não pode não derivar de um ato de liberdade – Esse é o núcleo do meu ser cristão. Entrevista com Gianni Vattimo. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2 ago. 2018. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/581416-meu-pensamento-e-cada-vez-mais-um-pensamento-dos-fracos-entrevista-com-gianni-vattimo. Acesso em: 15 out. 2025.

Bíblia Sagrada. *Almeida Corrigida Fiel*, 2011. Filipenses 2:5-11. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/acf/fp/2/5-11. Acesso em: 17 maio 2025.

Brito, E. Kenosis. *In*: Lacoste, J.-Y. *Dictionnaire Critique de Théologie*. Paris: PUF, 1998.

Feuerbach, L. *A essência do cristianismo*. Tradução: Adriana Veríssimo Serrão. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

Gianni Vattimo: Francisco é uma grande oportunidade para a renovação e a transformação da Igreja. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 20 mar. 2017. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/565921-gianni-vattimo-francisco-e-uma-grande-oportunidade-para-a-renovacao-e-a-transformacao-da-igreja. Acesso em: 15 out. 2025.

Nietzsche, F. W. *A vontade de poder*. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. (Apresentação Gilvan Fogel).

Nietzsche, F. W. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução: Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2005.

Nietzsche, F. W. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Vattimo, G. A idade da interpretação. *In*: Rorty, R.; Vattimo, G. *O futuro da religião*: solidariedade, caridade e ironia. Tradução: Eliana Aguiar; Paulo Ghiraldelli. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006. (Organização Santiago Zabala).

Vattimo, G. *Adiós a la verdad*. Tradução: María Teresa D'Meza. Barcelona: Editorial Gedisa, 2010a.

Vattimo, G. *After Christianity*. Tradução: Luca D'Isanto. New York: Columbia University Press, 2002.

Vattimo, G. *Creer que se cree*. Tradução: Carmen Revilla. Buenos Aires: Paidós, 1996b.

Vattimo, G. *Diálogo com Nietzsche*: ensaios 1961-2000. Tradução: Silvana Colbucci Leite. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

Vattimo, G. *Essere e dintorni*. Milano: La nave di Teseo, 2018.

Vattimo, G. *Etica dell'interpretazione*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2020.

Vattimo, G. *O fim da modernidade*: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

Vattimo, G. *Para além da interpretação*: o significado da hermenêutica para a filosofia. Tradução: Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

Vattimo, G. *The Age of Interpretation*: The Future of Religion. New York: Columbia University Press, 2005. (Editado por Santiago Zabala).

Vattimo, G. *The responsibility of the philosopher*. Tradução: William McCuaig. New York: Columbia University Press, 2000.

Vattimo, G.; Dotolo, C. *Dios, la posibilidad buena*: un coloquio en el umbral entre filosofía y teologia. Barcelona: Herder, 2012. (Dirigido por G. Giorgio).

Voltaire, F. M. A. História de Jenni ou o ateu e o sábio. *In*: *Contos*. Tradução: Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Colaboradores

Diana Diniz de Carvalho: (I) Conceituação, (V) Investigação, (VI) Metodologia, (X) Supervisão, (XI) Validação, (XII) Visualização, (XIII) Escrita – rascunho original, e (XIV) Escrita.

Cláudia Diniz de Carvalho e Souza: (I) Conceituação, (V) Investigação, (VI) Metodologia, (X) Supervisão, (XI) Validação, (XII) Visualização, (XIII) Escrita – rascunho original, e (XIV) Escrita.

Charles Klemz: (X) Supervisão, (XII) Visualização.